

FICHA TÉCNICA

Título original: *After We Fell*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2014

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Cristina Carvalho*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2016

Depósito legal n.º 401 170/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Prólogo

TESSA

Ao fitar o rosto familiar deste desconhecido, sou inundada por recordações.

Costumava sentar-me ali, a pentear o cabelo da minha Barbie loura. Foram muitas as vezes em que desejei *ser* a boneca: não lhe faltava nada. Era bela, estava sempre impecavelmente arranjada, era sempre exatamente quem se esperava que fosse. Os pais teriam orgulho nela, costumava eu pensar. O pai da Barbie, onde quer que estivesse, seria, provavelmente, um reputado administrador de uma grande empresa, em viagem pelo mundo para assegurar a vida da sua família, enquanto a mãe da Barbie ficava em casa a cuidar do lar.

O pai da Barbie jamais chegaria a casa aos tropeções e aos berros. Não gritaria com a mãe da Barbie de tal maneira alto que levasse a Barbie a esconder-se na estufa, para fugir à vozeria e ao arremesso de louça. E se, por acaso, um desentendimento mínimo e facilmente explicável causasse uma discussão entre os pais, a Barbie tinha sempre o Ken, o namorado louro perfeito, para lhe fazer companhia... mesmo na estufa.

A Barbie era perfeita, logo, a vida dela seria perfeita, com pais perfeitos.

O meu pai, que me abandonou há nove anos, está à minha frente, sujo e macilento. O oposto do que devia parecer, o oposto do que eu me lembro dele. Um sorriso ilumina-lhe a cara ao olhar para mim, e outra recordação vem à tona.

O meu pai, a noite em que ele se foi embora... o rosto estático da minha mãe. Não chorou. Limitou-se a ficar especada, à espera que o meu pai saísse. A noite em que a minha mãe mudou; depois desse dia, nunca mais foi a mesma mãe carinhosa. Tornou-se um ser frio, distante e infeliz.

Mas ficou, depois de ele ter decidido não o fazer.

TESSA

— Pai?

O homem que tenho diante de mim não pode, de modo algum, ser o meu pai, não obstante os familiares olhos castanhos que me fitam.

— Tessie?

A voz é mais grossa do que a lembrança que dela guardo nas minhas memórias longínquas.

O Hardin volta-se para mim, de olhos faiscantes, e de seguida para o meu pai.

O meu pai. Aqui, neste bairro mal frequentado, vestindo roupas imundas.

— Tessie? És mesmo tu? — pergunta ele.

Estou petrificada. Não tenho nada a dizer a este bêbedo que se apresenta com a cara do meu pai.

O Hardin coloca-me uma mão no ombro, para suscitar uma reacção da minha parte.

— Tessa...

Avanço um passo ao encontro do desconhecido e ele sorri. A barba castanha está salpicada de pelos brancos; o sorriso não é alvo e limpo como o recorde... Como é que ele acabou neste estado? Toda a esperança que em tempos tive, de que o meu pai tivesse mudado a vida dele no sentido da do Ken, desapareceu, e a constatação de que este homem é, de facto, o meu pai dói mais do que devia.

— Sou eu — diz alguém, e, segundos depois, apercebo-me de que as palavras saíram da minha boca.

Ele transpõe o espaço que nos separa e coloca os braços à volta do meu corpo.

— Não acredito! Estás aqui! Tenho tentado...

É interrompido pelo Hardin a apartá-lo de mim. Eu recuo, sem saber como agir.

O desconhecido (o meu pai) olha, ora para o Hardin, ora para mim, alerta e incrédulo. Mas depressa adota uma postura descontraída e mantém-se a uma certa distância, o que me deixa aliviada.

— Ando há meses a tentar encontrar-te — diz ele, limpando a testa com a mão, deixando uma pequena mancha de sujidade na pele.

O Hardin está à minha frente, pronto a intervir.

— Tenho estado aqui — digo, em voz baixa, por cima do ombro do Hardin. Estou-lhe grata pela proteção, e, de repente, dou-me conta de que ele deve estar completamente confuso.

O meu pai volta-se para ele e mira-o da cabeça aos pés durante um bocado.

— Uau. O Noah mudou radicalmente.

— Não; é o Hardin — respondo.

O meu pai movimenta-se à volta do Hardin, aproximando-se uns centímetros mais na minha direção, e noto que o corpo do Hardin se retesa quando o meu pai se mexe. A esta distância, consigo sentir-lhe o cheiro.

Ou o álcool no hálito dele, ou o resultado de anos de alcoolismo, leva-o a confundir os dois; o Noah e o Hardin são polos diametralmente opostos, e jamais poderiam ser tomados um pelo outro. O meu pai coloca um braço sobre os meus ombros e o Hardin dirige-me um olhar, mas eu abano ligeiramente a cabeça para o manter ao largo.

— Quem é?

O meu pai mantém o braço sobre os meus ombros durante um longo e desconfortável momento, enquanto o Hardin se limita a ficar onde está, com ar de quem está prestes a explodir. Não necessariamente por estar furioso, apercebo-me; dá a impressão de, pura e simplesmente, não saber o que dizer ou fazer.

Já somos dois.

— É o meu... O Hardin é o meu...

— Namorado. Sou o namorado dela — conclui ele a frase por mim. As íris castanhas do homem dilatam-se quando dá finalmente por terminada a sua apreciação do Hardin.

— Prazer em conhecer-te, Hardin. Sou o Richard.

Estende a mão suja, para apertar a do Hardin.

— Hum... sim, prazer em conhecer-te.

O Hardin está, visivelmente, muito... agitado.

— O que andam vocês a fazer por estes lados?

Aproveito esta oportunidade para me afastar do meu pai e me colocar ao lado do Hardin, que retoma a calma e me puxa para mais perto dele.

— O Hardin veio fazer uma tatuagem — respondo como um autómato.

O meu cérebro é incapaz de processar tudo o que está a acontecer neste momento.

— Ah... Boa. Eu próprio já aqui vim, em tempos.

O meu cérebro enche-se de imagens do meu pai a tomar café, de manhã, antes de sair para o emprego. Tinha uma aparência totalmente diferente da que tem agora, falava de uma maneira completamente diferente da que fala agora, e estava absolutamente fora de questão que se tatuasse, nos tempos em que o conhecia. Nos tempos em que eu era a menina dele.

— Sim, o meu amigo Tom é tatuador.

Arregaça a manga da camisola e revela o que aparenta ser uma caveira no antebraço.

Dá a sensação de que a tatuagem não pertence ali, ao antebraço do meu pai, mas, continuando a examiná-lo, começo a chegar à conclusão de que talvez pertença.

— Oh... — é tudo o que consigo articular.

Isto é estranhíssimo. Este homem é o meu pai, o homem que me deixou, e à minha mãe, sozinhas. E está aqui, à minha frente... bêbedo. E eu não sei o que pensar.

Parte de mim está excitada (uma parte pequenina, que não quero reconhecer neste momento). Confesso que, desde que a minha mãe comentou que ele tinha regressado a estas paragens, tinha secretas esperanças de o voltar a ver. Sei que é palerma (estúpido, até) mas, em certo sentido, o meu pai parece-me melhor do que antes. Está bêbedo, e é provável que seja um sem-abrigo, mas tive mais saudades dele do que me dei conta, e, se calhar, passou recentemente por um mau bocado. Quem sou eu para julgar este homem, se nem sequer sei nada dele?

Ao olhar para ele, e para a rua que nos rodeia, é insólito constatar que tudo continua a prosseguir normalmente, como se nada fosse. Podia jurar que o tempo tinha parado quando o meu pai se atravessou, trôpego, à nossa frente.

— Onde estás a viver? — pergunto.

O olhar defensivo do Hardin está centrado no meu pai, observando-o como se ele fosse um predador perigoso.

— De momento, estou entre casas.

Limpa a testa com a manga.

— Oh.

— Estava a trabalhar na Raymark, mas fui despedido — conta-me.

Lembro-me vagamente de já ter ouvido o nome Raymark. Tenho a impressão de que é uma empresa de manufatura. O meu pai esteve a trabalhar numa fábrica?

— O que é que tens feito? Já lá vão, ora deixa cá ver... cinco anos?

Sinto o Hardin contrair-se ao meu lado quando respondo:

— Não, nove.

— Nove anos? Desculpa-me, Tessie. — As palavras dele soam ligeiramente entarameladas.

O nome familiar por que me trata faz com que o coração me caia aos pés; este diminutivo fora utilizado no melhor dos tempos. No tempo em que ele me punha às cavalitas e corria pelo nosso pequeno quintal, o tempo anterior a ter saído de casa. Não sei o que pensar sobre isto. Tenho vontade de chorar por não o ver há muito tempo, tenho vontade de rir face à ironia de o ver aqui, e tenho vontade de gritar com ele por me ter abandonado. É confuso vê-lo assim. A recordação que tenho dele é a de um alcoólico, mas, naqueles tempos, era um bêbedo colérico, não um bêbedo sorridente que exhibe as suas tatuagens e aperta a mão ao meu namorado. Talvez se tenha tornado num homem melhor...

— Acho que está na altura de irmos — afirma o Hardin, olhando para o meu pai.

— Peço mesmo que me desculpes; a culpa não é toda minha. A tua mãe... sabes como ela é.

Defende-se, esbracejando um pouco.

— Por favor, Theresa, dá-me uma oportunidade — implora o homem.

— Tessa... — avisa o Hardin ao meu lado.

— Dá-nos um segundo — digo ao meu pai.

Agarro no Hardin pelo braço e afasto-o dois ou três metros.

— Que raio de ideia é a tua? Não acredito que estejas a pensar em... — começa ele.

— É o meu *pai*, Hardin.

— É um estupor de um bêbedo sem-abrigo — desfere ele com desprezo.

As lágrimas picam-me os olhos ao ouvir estas palavras factuais, mas cruéis.

— Não o vejo há nove anos.

— Precisamente; porque ele te abandonou. É pura perda de tempo, Tessa.

O Hardin olha de soslaio por cima do meu ombro, na direção do meu pai.

— Não me importo. Quero ouvir o que ele tem a dizer.

— Se é só isso que queres, acho que não virá daí grande mal. Não é como se estivesses a convidá-lo para ir lá a casa, ou assim. — Abana a cabeça.

— Se for essa a minha vontade, convidado-o. E se ele quiser aceitar, aceita. A casa também é minha — exalto-me.

Olho para o meu pai. Está ali especado, metido dentro de roupas sujas, de olhos postos no betão diante dele. Há quanto tempo não dorme numa cama? Ou come uma refeição quente? Só de pensar nisto, aperta-se-me o coração.

— Não acredito que estejas seriamente a considerar a hipótese de lhe dizer que venha a nossa casa.

O Hardin passa os dedos pelo cabelo, num gesto de frustração que conheço bem.

— Não para viver connosco, nem nada do género... só por esta noite. Podíamos fazer um jantar — sugiro.

O meu pai levanta a cabeça e olha-me nos olhos. Desvio o olhar quando começa a esboçar um sorriso.

— *Jantar?* Tessa, é um pulha bêbedo que não te vê há quase dez anos... e tu estás a pensar fazer-lhe o jantar?

Envergonhada por aquele destempero, puxo-o pelo colarinho e digo em voz baixa:

— É o meu *pai*, Hardin, e já não tenho uma relação com a minha mãe.

— Não significa que tenhas de ter uma com *este* tipo. Isto não vai acabar bem, Tess. És demasiado gentil com as pessoas quando elas não o merecem.

— Isto é importante para mim — digo-lhe, e o olhar dele suaviza-se, antes de eu ter oportunidade de lhe fazer notar a ironia da objeção dele.

O Hardin suspira e remexe no cabelo, frustrado.

— Caraças, Tessa, isto não vai acabar bem.

— Não sabes como é que isto vai acabar, Hardin — sussurro, e olho na direção do meu pai, que está a cofiar a barba.

Sei que o mais certo é o Hardin ter razão, mas devo a mim mesma tentar conhecer este homem, ou, pelo menos, ouvir o que ele tem a dizer.

Volto a aproximar-me dele, e uma apreensão instintiva faz com que a voz me trema um pouco.

— Gostarias de vir jantar a nossa casa?

— Estás a falar a sério? — exclama ele, com a esperança a invadir-lhe o rosto.

— Sim.

— *Okay!* Sim, *okay!*

Sorri e, por um breve instante, reaparece o homem de que tenho memória; o homem anterior ao álcool, bem entendido.

O Hardin não diz palavra enquanto nos dirigimos para o carro. Sei que está zangado, e compreendo porquê. Mas também sei que o pai dele mudou para melhor: é o reitor da nossa faculdade, por amor de Deus. Serei assim tão pateta por acalentar esperanças de assistir a uma mudança semelhante no meu pai?

Quando chegamos ao carro, o meu pai pergunta:

— Uôu! É vosso? É um *Capri*, certo? Modelo de finais dos anos setenta?

— Certo.

O Hardin entra para o lugar do condutor.

O meu pai não questiona a resposta seca e curta do Hardin, o que me deixa aliviada. O rádio está instalado em baixo e, assim que o Hardin liga o motor, ambos estendemos a mão para o botão, na esperança de que a música abafe o silêncio desconfortável.

Durante o percurso até ao apartamento, interroguei-me sobre como reagiria a minha mãe ao que está a acontecer. A ideia causa-me calafrios, e procuro pensar antes na minha iminente mudança para Seattle.

Não, é quase pior; não sei como abordar o assunto com o Hardin. Fecho os olhos e encosto a cabeça à janela. O Hardin coloca a mão quente dele sobre a minha, e os meus nervos começam a serenar.

— Uôu, vocês vivem aqui?

No banco de trás, o meu pai abre a boca de espanto quando entramos no complexo de apartamentos.

O Hardin lança-me um olhar subtil que diz «estava-se mesmo a ver; prepara-te», e eu respondo:

— Sim, mudámo-nos há uns meses.

No elevador, o olhar protetor do Hardin aquece-me o rosto, e dirijo-lhe um pequeno sorriso, esperando que isto o modere. Parece resultar, mas a circunstância de estarmos quase à porta de casa com uma pessoa que é, na

prática, um desconhecido, é de tal maneira desconfortável que começo a arrepende-me de o ter convidado a vir. Agora, porém, é tarde para voltar atrás.

O Hardin destranca a porta e entra em casa sem se voltar para nós, avançando para o quarto sem dizer palavra.

— Volto já — digo eu ao meu pai, e dou meia-volta, deixando-o sozinho no *ball*.

— Importas-te que use a vossa casa de banho? — pergunta ele enquanto me afasto.

— Claro que não. É já aí, ao fundo do *ball* — digo eu, apontando para a porta da casa de banho sem olhar.

No quarto, o Hardin está sentado na cama, a descalçar as botas. Olhando para a porta, faz um gesto para que eu a feche.

— Sei que estás aborrecido comigo — observo em voz baixa, aproximando-me dele.

— Estou.

Seguro a cara dele entre as mãos, acariciando-lhe as faces com os polegares.

— Não estejas.

Fecha os olhos, comprazendo-se no meu toque suave, e sinto os braços dele envolverem-me a cintura.

— Ele vai magoar-te. Estou só a tentar evitar que isso aconteça.

— Ele não pode magoar-me; como é que o faria? Há quanto tempo não o vejo?

— Aposto que está neste momento a encher os bolsos com coisas nossas — sopra o Hardin com violência, e não consigo evitar uma risada.

— Não tem graça nenhuma, Tessa.

Suspiro e inclino-lhe o queixo para cima para que olhe para mim.

— Podes descontrair, por favor, e ver isto como uma coisa positiva? Já é suficientemente confuso, sem que estejas o tempo todo macambúzio, a aumentar a tensão.

— Não estou macambúzio. Estou a tentar proteger-te.

— Não preciso que o faças; é o meu pai.

— Ele não é o teu pai...

— Fazes-me este favor? — Passo-lhe o dedo pelos lábios, e o semblante dele ameniza.

Suspirando novamente, acaba por responder:

— Seja, vamos lá então jantar com este tipo. Só Deus sabe quando foi a última vez que comeu alguma coisa que não tenha vindo de um contentor de lixo.

O meu sorriso desaparece e os meus lábios começam a tremer contra minha vontade. O Hardin nota-o.

— Desculpa; não chores.

Suspira. Desde que encontrámos o meu pai à porta do estúdio de tatuagens, ainda não parou de suspirar. Ver o Hardin *preocupar-se* (mesmo que, como tudo o que ele faz, seja uma preocupação acompanhada de raiva) só acentua o carácter surreal da situação.

— Mantenho tudo o que disse, mas prometo tentar controlar-me.

Levanta-se e pressiona os lábios contra o canto da minha boca. Ao sairmos do quarto, murmura:

— Vá, vamos lá dar de comer ao mendigo.

Comentário que não melhora grandemente a minha disposição.

O homem na sala de estar parece bastante deslocado; passa o olhar pelo espaço que o rodeia, observando os livros nas nossas estantes.

— Vou fazer o jantar. Talvez queiras ver televisão...? — sugiro.

— Posso ajudar nalguma coisa? — oferece-se ele.

— Hum... Está bem.

Faço um meio sorriso e ele segue-me até à cozinha.

O Hardin deixa-se ficar na sala de estar, mantendo a distância, como suspeitei que faria.

— Custa a acreditar que já sejas adulta e toda independente — diz o meu pai.

Vou ao frigorífico buscar um tomate, e tento alinhar os meus pensamentos dispersos.

— Estou na faculdade, na Washington Central University. Tal como o Hardin — respondo, omitindo a expulsão iminente dele por razões óbvias.

— A sério? Na WCU? Uau.

Senta-se à mesa e reparo que a sujidade que tinha nas mãos foi entretanto esfregada. A marca de sujidade na testa também desapareceu, e uma mancha molhada no ombro da camisa faz-me crer que terá tentado tirar de lá uma nódoa. Está, também ele, nervoso. Perceber que assim é faz-me sentir um pouco melhor.

Quase lhe conto sobre Seattle e o novo rumo excitante que a minha vida está a tomar, mas ainda tenho de o contar ao Hardin primeiro. O reaparecimento do meu pai acrescentou um novo desvio ao meu percurso. Não sei com quantos problemas conseguirei lidar antes de tudo se desmoronar a meus pés.

— Quem me dera ter estado presente para ver tudo isto tomar forma. Sempre soube que irias longe.

— Mas *não* estiveste presente — digo, rispidamente.

Assim que profiro estas palavras, sou invadida por um imenso sentimento de culpa, mas não tenho vontade de voltar atrás no que disse.

— Eu sei, mas agora estou aqui, e espero vir a conseguir compensar essa ausência.

Esta declaração singela é, em boa verdade, um bocado cruel, na medida em que me deixa esperançada de que ele não seja, afinal, tão mau assim, que talvez precise apenas de ajuda para deixar de beber.

— Ainda... tu ainda bebes?

— Sim. — Baixa a cabeça. — Não tanto como dantes. Sei que, neste momento, não parece, mas é só porque os últimos meses têm sido difíceis.

O Hardin aparece à porta da cozinha, e sei que está a debater-se para não dizer nada. Espero que vença a batalha.

— Vi a tua mãe algumas vezes.

— Ah sim?

— Sim. Ela foi-me dizendo por onde andavas. Está com muito bom ar, ela — diz ele.

Isto é tão insólito, o meu pai a tecer comentários sobre a minha mãe... Ouço a voz dela na minha cabeça, lembrando-me de que este homem nos abandonou. Que este homem é responsável por ela ser como é atualmente.

— O que é que aconteceu... entre vocês os dois?

Coloco peitos de frango numa frigideira, e o óleo estala e rechina enquanto aguardo resposta. Não quero virar a cabeça para o encarar após ter feito uma pergunta tão direta e abrupta, mas não consegui impedir-me de a fazer.

— Simplesmente não éramos compatíveis; ela queria sempre mais do que eu lhe podia dar, e sabes como ela consegue ser às vezes.

Sei, sem dúvida, mas não me cai nada bem a ligeireza com que está a falar da minha mãe, nem o tom deveras displicente em que o faz.

Transferindo a culpa da minha mãe novamente para ele, volto-me rapidamente e pergunto:

— Porque é que não telefonaste?

— Telefonei; sempre telefonei. E mandei-te presentes em todos os teus aniversários. Ela não te disse nada, foi?

— Não, não disse.

— Bom, é a verdade: fi-lo. Tive imensas saudades tuas ao longo deste tempo todo. Mal posso acreditar que estejas agora aqui, à minha frente.

Os olhos brilham-lhe e a voz vacila quando se levanta na minha direção. Não sei como reagir; não reconheço este homem, se é que alguma vez o conheci.

O Hardin transpõe a porta da cozinha, criando um obstáculo entre mim e o meu pai e, uma vez mais, sinto-me grata pela intervenção dele. Não sei o que pensar de tudo isto; preciso que haja distância física entre mim e este homem.

— Sei que não podes perdoar-me. — O meu pai quase soluça, e o meu estômago afunda-se.

— Não é isso. É só que preciso de tempo antes de me precipitar a acolher-te novamente na minha vida. Nem sequer te conheço — digo-lhe eu, e ele assente com um movimento de cabeça.

— Eu sei, eu sei.

Volta a sentar-se à mesa, deixando-me à vontade para acabar de preparar o jantar.

HARDIN

O dador de esperma merdoso da Tessa enfarda dois pratos de comida antes sequer de fazer uma pausa para respirar. Não duvido de que estivesse esfomeado, vivendo na rua e tudo o mais. Não é que não sinta compaixão por pessoas a quem o azar bateu à porta e que se veem em dificuldades; trata-se apenas de este homem em particular ser um bêbedo, e ter abandonado a filha. Isto faz com que não sinta nem um pingo de comiseração por ele.

Depois de beber de um só trago uma boa quantidade de água, vira-se para a minha namorada com um sorriso rasgado.

— És uma cozinheira e peras, Tessie.

Se ele a chama mais uma vez por este nome, acho que dou um berro.

— Obrigada.

A Tessa sorri, como pessoa decente que *de facto* é. Dá para perceber que a conversa de sonso dele está a ganhar terreno, preenchendo as fissuras emocionais que criou ao abandoná-la quando ela era pequena.

— Estou a falar a sério; talvez possas dar-me a receita, um destes dias.

Para a fazeres *onde*? Na tua cozinha inexistente?

— Com certeza — diz ela, e põe-se de pé para levantar o prato dela da mesa, pegando no meu de caminho.

— Posso deixar-vos agora. Gostei muito que tivéssemos jantado juntos — diz o Richard (*Dick*¹), levantando-se.

— Não; podes... podes passar cá a noite, se quiseres, e nós podemos levar-te... a *casa* amanhã de manhã — diz a Tessa, devagar, incerta quanto a que palavras usar para descrever a atual situação dele.

Do que eu estou mais que certo é de que esta merda não me agrada nada.

¹ Diminutivo de Richard mas, também, um termo ofensivo. (NT)

— Isso seria excelente — diz o Dick, esfregando os braços.

O mais provável é que esteja em pulgas para tomar um copo sem mais demoras, o cabrão.

A Tessa sorri.

— Ótimo. Vou ao quarto buscar lençóis e uma almofada.

Olhando para o pai e para mim por um instante, deve perceber o que estou a sentir, dado que pergunta:

— Ficam bem aqui os dois sozinhos um minuto, verdade?

O pai dela ri.

— Lindamente; até calha bem, quero conhecê-lo.

Ai não, não queres.

A Tessa franze o sobrolho ao ver a minha expressão e sai em passo apressado, deixando-nos a sós na cozinha.

— Então, Hardin, onde é que conhecestes a minha Tessa? — pergunta.

Ouçõ-a fechar a porta do quarto e espero dois segundos para ter a certeza de que já não nos pode ouvir.

— Hardin? — repete ele.

— Vamos já esclarecer uma coisa — rosno em tom ameaçador e inclino-me sobre a mesa, assustando-o. — Ela não é a *tua* Tessa; é a *minha*. E sei muito bem o que estás a tentar fazer; não penses, nem por um segundo, que me enganas.

Ele levanta as mãos submissamente.

— Não estou a tentar fazer nada, eu...

— O que é que queres? Dinheiro?

— O quê? Não, é claro que não quero dinheiro. Quero ter uma relação com a minha filha.

— Tiveste nove anos para estabelecer uma, e, ainda assim, a única razão por que aqui estás é por teres chocado com ela num parque de estacionamento. Não se pode dizer que tenhas vindo propriamente à procura da tua filha — disparo eu, passando-me pelos olhos imagens em que as minhas mãos lhe apertam o pescoço.

— Tenho consciência disso. — Abana a cabeça, olhando para baixo. — Sei que cometi muitos erros, mas vou compensá-la por eles.

— Estás bêbedo; neste preciso momento, sentado na minha cozinha, estás bêbedo. Sei muito bem topar um bêbedo quando um me passa pela frente. Não tenho a mínima consideração por um homem que abandona a família e, nove anos mais tarde, nem sequer tem a decência de estar sóbrio.

— Sei que as tuas intenções são boas, e fico contente por te ver sair em defesa da minha filha, mas não vou dar cabo desta oportunidade. Só quero conhecê-la... e conhecer-te.

Não digo nada, procurando apaziguar os meus pensamentos irados.

— És muito mais simpático quando ela está presente — observa ele em voz calma.

— E tu és muito pior ator quando ela não está — retaliao.

— Tens todo o direito a desconfiar de mim mas, por consideração para com a Tessa, peço-te que me dês uma oportunidade.

— Se a magoares, seja de que maneira for, és um homem morto.

Talvez devesse sentir um bocadinho de remorso por estar a ameaçar o pai da Tessa desta maneira, mas sinto apenas raiva e desconfiança por este bêbedo patético. Os meus instintos dizem-me para a proteger, não para empatizar com um bêbedo que não conheço de lado nenhum.

— Não vou magoá-la — promete ele.

Reviro os olhos e bebo um gole do meu copo de água.

Pensando que a promessa que acabou de fazer põe uma pedra sobre o assunto, ensaia uma graçola:

— Esta conversa que acabámos de ter... os nossos papéis deviam ser ao contrário, sabes?

Ignoro-o e saio em direção ao quarto. Tenho de o fazer, antes que a Tessa volte à cozinha e dê comigo a estrangular-lhe o pai.